

10281

LET

CLI 0354

SIST. 59373

0320061-50

- 1- Reynaldo Moura
- 2- Meio de Semana
- 3- Correio do Povo
- 4- Crônica sobre uma viagem de avião
- 5- Porto Alegre
- 6- 31 de agosto de 1950

7. n.º 278
8. seção - Arte e Literatura
9. Som
10. Amélia Ester
11. 31 de maio de 1994

MEIO DE SEMANA

(especial para o "Correio do Povo")
Reinaldo Moura

Parece que a corrida final não termina mais. Com certeza a pista já está no fim. Os grossos sesenos rotativos estão dando tudo. Entretanto ainda estamos quedados à terra! Sente-se o peso da estrutura, da máquina, de nós mesmos; até procuramos nos tornar mais leves, o pescoço espichado numê fuga do corpo à matéria tão densa, o desejo vibrando as asas. Já ~~queremos~~ queremos tanto que a pista deve estar terminando. É este peso que se comunica a todas as coisas no vazão do interior, nas paredes, nos pneus que devem estar ainda achatados contra o cimento. Os sesenos rugindo, rugindo e de repente qualquer coisa deixa de existir não se sabe onde, a terra

desce, leve e meio louca na sua geometria, a cabine suspenso plana, um momento, toma um rumo veloz no seu poder de tufo motorizado. A larga superfície das asas repousa sobre um mar invisível e flutuante. Há uma sensação de tranqüila segurança nessa aparência de repouso.

Há em baixo o mundo quadriculado oscilando um momento, para entre a neblina e se dissipa. De tão longe vão surgindo aqueles nervos, demoram tanto a chegar, que a cidade de repente ainda nos mostra a última vesga de um ombro, os afilados dedos de suas mãos esparsas estendendo pelos campos, contornando a última colina. Esse verde escuro repelle os mapas numa escala tão grande que os seus detalhes se valorizam. Nessa faixa de prata imóvel é o movimento inaudível das ondas na praia. Esse azul que contém em sua luz, todas as cores escuras, já participa de certa profun-

didade. O mar está liso.
A terra suoyere. Há cami-
nhos ignorados entre mon-
tes, desaparecendo nos ma-
tos, por onde anda o bicho
homem. Quando vier a guer-
ra atômica a gente pôde se
esconder ali que ninguém
mais nos encontrará. Vive-
remos da caça e da pesca,
moraremos naquela ilha
verde de um verde de ilus-
trações para conto de fadas
ou de aventuras. A moço so-
nita de bordo nos oferece
~~chiclé~~ chiclé. Proastigamos
todo esse silêncio intocável
da paisagem e de repente
aquela casa na distancia
telescópica como o exemplo
de um brinquedo terreno pa-
ra os olhos de outros mun-
dos. Quadranquelo branco en-
tre arvovos de presepe. Pois
ali tambem poderemos vi-
ver, ali alguns destinos exis-
tem no cotidiano de soli-
dão. Ali existe aloguem ago-
ra que está contemplando
a passagem do avião, e está
pensando em nós, imaginan-
do figuras humanas mascq-
ras esfumadas, gente desco-
ulhecida que passa tão alto,

tão alto, estranhos destinos
para sempre distantes. Agora
há o rio com de prata, o rio
zinhão tranquilo, deste ta-
manho que dá para as
se atravessar arregaçando
as calças. E aqueles montes
de pedras que parecem caste-
los. As longas histórias de
infância que voltam...

Dentro de hora e meia
chegaremos. A notícia, por
um momento, dilata, uma
incerteza alheia em cada
espírito. É pouco. Agora es-
tamos sobre uma terra di-
ferente. Jarraamos nevoeiros,
as asas estão molhadas,
a noite começa a subir da
terra. Mas estamos tranqui-
los. Este espaço cequioso
do tempo que ainda não
é, não permite a visão an-
tecipada das coisas. De re-
pente poderá ser a fração
de segundos em que a sensa-
ção do desastre se confun-
de com o clarão e o es-
touro. Estaremos tão perto
da eternidade que esse mo-
mento não será mais que
um relâmpago. Entretanto,
o coração está tranquilo,
e avança entre as cortinas,

REY cli 0354

do tempo...